

O MEMORIAL DO ANGLO/UFPEL AO ALCANCE DE TODOS: O PROGRAMA DE RÁDIO FOTOGRAFIA PARA OUVIR

APRESENTAÇÃO EM POSTER

OBJETO

O Memorial do Anglo da Universidade Federal de Pelotas é um local dentro do prédio onde hoje funcionam faculdades desta Instituição que foi, no passado, o Frigorífico Anglo de Pelotas, Rio Grande do Sul. Este memorial é resultado do Programa de extensão “O Museu do conhecimento para todos” apoiado pelo edital ProExt/MEC/SESu desenvolvido nos anos de 2012 e 2013.

Este espaço, que tem como um dos seus objetivos salvaguardar memórias de trabalho do extinto frigorífico, fundamenta seus princípios no conceito contido na carta de Nizhny Tagil, documento produzido na reunião do Comitê Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial (TICCIH) em 2003, na Rússia. Esta carta afirma “que o patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico”. Além da preservação ao patrimônio industrial da UFPel, o Memorial do Anglo tem como uma das suas ações principais defender e aplicar o conceito de museu inclusivo.

De tal modo, entende como de todos o direito à memória. Sendo assim, inclui na totalidade a que se refere, públicos com deficiências sensoriais o que fez com que tal projeto contasse com recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência visual.

O que dá sentido à preservação é a comunicação. Preserva-se com o objetivo de comunicar, com a finalidade de educação e lazer; preserva-se para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos. Assim, pode-se dizer que, além de preservar, é fundamental garantir o acesso, garantir a acessibilidade como um direito de cidadania. (NASCIMENTO JR, 2012, p. II apud COHEN; DUARTE e BRASIEIRO, 2012).

O memorial é composto por duas salas que evidenciam a localização das câmaras frias do extinto frigorífico. Neste espaço estão expostas fotografias sobre a trajetória daquele local de trabalho até o momento em que foi doado à Universidade.

Entre os recursos de acessibilidade, o Memorial do Anglo conta com Audiodescrição, aqui tratada como tradução intersemiótica da fotografia. O recurso busca que a pessoa com deficiência visual possa acessar o principal conteúdo da fotografia através da palavra falada.

Segundo Nóbrega, a Audiodescrição é um recurso que transforma imagens em palavras, cujo escopo principal é descrever, de forma objetiva, informações essenciais que estão sendo visualizadas. Fotografia para ouvir é um projeto de extensão do Departamento de Museologia, Conservação e Restauro do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, que objetiva veicular na rádio um programa sobre o patrimônio industrial abrigado pela UFPel. A audiodescrição empregada no Memorial, veio ao encontro desta proposta, porquanto a descrição da imagem segue uma regra: só o que é visto é descrito. O programa consiste em ser um recurso de divulgação do patrimônio, mas também de inclusão cultural.

O projeto está relacionado com a proposta do Memorial do Anglo e busca divulgar o acervo fotográfico da coleção Anglo da Fototeca Memória da UFPel.

OBJETIVOS

Advoga-se a escolha do rádio por ser este um veículo de comunicação com forte apelo à imaginação e acessível aos deficientes visuais. A garantia ao acesso cultural para pessoas com deficiência visual está prevista em lei vigente, tanto no Decreto-Lei 5.296, de 5 de agosto de 2009, como na promulgação do texto da Convenção dos Direitos da Pessoa com Deficiência no Decreto-Lei 6.949 de 25 de agosto de 2009. Portanto além de zelar pela memória de trabalho exposta nestas fotografias, o projeto Fotografia para ouvir e o Memorial do Anglo contribuem para o acesso à cultura de pessoas com deficiência.

O acesso à cultura auxilia na formação crítica do sujeito: “Na realidade, não existem critérios para definir como as pessoas deveriam ser: cada um é aquilo que sua realidade econômica, social e cultural permite” (COHEN; DUARTE e BRASILEIRO, 2012, p. 27). O acesso cultural outorga cidadania e permite que os sujeitos ativem seus papéis sociais. Trata-se, portanto a “acessibilidade como um princípio norteador da vida social, como uma diretriz colocada a favor da dignidade da vida humana.” (COHEN; DUARTE e BRASILEIRO, 2012, p. XVI)

O público do Programa extrapola o grupo alvo de pessoas com deficiência e pode ser exitoso ao dirigir-se a antigos trabalhadores da fábrica, evocando na memória deste público as imagens daquele espaço que impactou a cidade e a vida de muitas pessoas.

METODOLOGIA

O programa Fotografia para ouvir consiste em audições entre 5 e 7 minutos na qual uma fotografia é narrada. Vai ao ar uma vez ao dia, sempre com uma narração inédita. O conteúdo da narração inclui elementos da história da fábrica. A descrição da fotografia segue as diretrizes da Audiodescrição prescritas no Brasil, mas se permite uma licença poética que empresta emoção à imagem. Por exemplo: Há brancos, cinzas e um preto profundo na cena desta fotografia. É uma grande sala vazia com fileiras de pilastras que sustentam o teto atravessado por vigas. [...] A aridez do lugar e as evidências da deserção causam um sentimento de que ali aconteciam muitas coisas. Sim, e de fato, aconteciam. No cotidiano do grande frigorífico Anglo, os animais eram abatidos e suas carcaças processadas neste sala. Em algumas safras, eram milhares por dia no ritmo de uma produção na qual muitas mãos trabalhavam incessantemente. Nossa imaginação pode preencher o espaço que se mostra nesta fotografia e veremos o ofício que se repetia por horas, todos os dias, em um lugar ruidoso, agitado, frio e funcional. Não reconhecemos mais onde estava esta grande sala. Perdeu-se qualquer referência no presente, no prédio que ainda se mantém”.

RESULTADOS

Os resultados que ora se apresentam fazem parte de avaliações qualitativas feitas com pessoas com deficiência visual e com antigos trabalhadores do extinto frigorífico Anglo.

Segundo os deficientes visuais consultados, é possível, por meio da descrição, saber o conteúdo das fotografias. Com a descrição destas, afirmaram que conseguem imaginar o local onde foi este frigorífico. Outros, dizem que podem sentir o lugar. Já os antigos trabalhadores relataram que ao ouvir o programa conseguiram transporta-se para seu antigo local de trabalho, imaginando o que a fotografia registrou.

Ambos os relatos indicam que o programa Fotografia para ouvir, tanto no âmbito de acessibilidade cultural para pessoas com deficiência visual, como enquanto experiência de educação patrimonial, pode exemplificar a amplitude que a audiodescrição apresenta como recurso de acessibilidade e de sensibilização para o patrimônio industrial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Decreto 6.949 de 25 de agosto de 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm Acesso em: 15 de setembro de 2014.

BRASIL. Decreto 5.296 de 5 de agosto de 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm Acesso em: 15 de setembro de 2014.

COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane e BRASILEIRO, Alice. **Acessibilidade a Museus**. Ministério da Cultura. Instituto Brasileiro de Museus. Brasília. DF. MinC/IBRAM, 2012.

NÓBREGA, Andreza. A Dança no compasso da Inclusão. In: *Acessibilidade Comunicacional para produções culturais*. Recife : Ed. Do Organizador, 2014.

TICCIH; The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage. **Carta de Nizhny Tagil sobre o patrimônio industrial**. Disponível em: <http://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>. Acesso em 15 de setembro 2014.